

RESENHA:

SANTAELLA, Lucia. A pós-verdade é verdadeira ou falsa? 1ª ed., São Paulo: Editora estação das letras e cores, 2018. 75 p.



**A Pós-Verdade
é verdadeira ou falsa?**

Lucia Santaella

**A veracidade no contexto
contemporâneo:
reflexões a respeito da pós-verdade**

ANA CLARA SÃO THIAGO*



interroQações

Estamos inseridos em um momento social no qual tudo aquilo que tomamos como verdade parece desmoronar. Com isto, surgem cada vez mais questionamentos sobre: O que é a verdade? Quais são os paradigmas que envolvem nossas concepções e será que se sustentam? Quem ou quais são os detentores do que se propaga como discursos sobre verdade? Existem falsas verdades, verdades infundadas, verdades máximas? Estamos caminhando para uma era da pós-verdade? Dentro desse contexto, emerge a obra da profª Drª Lucia Santaella, pesquisadora nos campos da Ciência da Comunicação e da Linguagem, que se propõe a analisar para além do uso das tecnologias das redes digitais e os discursos que as envolvem, a ambivalência na difusão da informação. Segundo esta autora, a verdade pode ter assumido um papel secundário para as pessoas.

As tecnologias das redes digitais modificaram a forma como observamos o espaço, a relação entre público e privado, as massas, a cultura, através da presença onipresente da *Internet*. O ciberespaço se apresenta como lugar de cocriação, de interação e conexão, em que uma diversidade de vozes e corpos reivindicam

a veracidade do que se coloca como verdade.

Na introdução da obra, propõe-se a reflexão de que essa busca pela exatidão dos acontecimentos já não é um objetivo da sociedade contemporânea, pois há um espaço em que diferentes verdades podem ser ditas e aceitas. Mas, aonde encontra-se o perigo? Após a vitória surpreendente de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos da América, e logo em seguida, a vitória de Jair Bolsonaro no Brasil¹, “os termos – bolhas, notícias falsas e pós-verdade – entraram exaustivamente no domínio público” (SANTAELLA, 2018, p. 7). Faz-se necessária uma análise destes espaços para compreender suas elaborações discursivas e questioná-las de forma coerente.

Destaca-se que o primeiro capítulo inicia-se com a pergunta “o que são bolhas?”, e a resposta da autora provém de um ativista da internet, Elis Pariser, *filter bubbles*, as bolhas filtradas, denominadas em um contexto das conexões sem fio, que são semelhantes a sistemas fechados, que se vedam a outras ideias. Estas não são criadas intencionalmente pelos usuários da rede, são elaboradas através de grandes

corporativas como o Google, por exemplo, que personaliza as respostas e buscas de cada indivíduo passando a servir muito mais à interesses políticos e mercadológicos do que a interesses pessoais. Furar as bolhas envolve romper com fatores morais e socioemocionais, de modo que não é eficaz somente “equipar os cidadãos com habilidades cognitivas para analisar seus conteúdos e contextos” (p. 19), e sim empoderar os usuários para que tenham o suporte e conhecimentos necessários para navegar seguramente por conta própria.

As Notícias Falsas - NFs (*Fake News*), enfoque do capítulo dois, são motivadas “por interesses que visam manipular atitudes, opiniões e ações” (p. 25), contribuindo para a desinformação, e são caracterizadas por três eixos: “desinformação, desconfiança e manipulação”. Os grandes alvos das *Fake News* são os praticantes do ciberespaço que buscam mensagens e notícias que reafirmem sua rigidez de pensamento, suas parcialidades, alimentando programas políticos e atraindo seguidores para seus fatos manipulados. Segundo Santaella (2018), “de fato, a área mais afetada pelas NFs é a da política, justamente esse campo de atuação e decisão de que dependem os destinos da democracia nesta era do pós-digital” (p. 27), o que nos faz refletir sobre qual o papel que a democracia passa a exercer na contemporaneidade.

É interessante constatar que, apesar de o título do livro conter o termo “pós-verdade” este, após a apresentação, reaparece somente no título do terceiro capítulo, possivelmente porque é preciso elaborar inicialmente os conceitos das bolhas de filtro e notícias falsas, que servirão como base para a discussão de uma “pós-verdade”. O prefixo “pós”, neste termo, desvaloriza o conceito ao qual está ligado, atribuindo um juízo de valor negativo, de uma verdade que se tornou

irrelevante. Santaella ainda aponta que essa lógica de uma pós-verdade opera no marketing e na publicidade, em um processo de repetição de histórias fictícias, de mentiras compartilhadas, até que se convença de uma falsa verdade.

A contínua propagação de *Fake News* e desinformação transformou-se em uma indústria de verdades falsas, desmoralizando instituições responsáveis por esta divulgação. Essa disputa do protagonismo da narrativa é acirrada, e faz-se cada vez mais necessário desmascarar os interesses que estão em jogo por traz dessas falas. O termo “pós-verdade” tem adquirido um sentido qualitativo, um adjetivo que denota “circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação de opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (p. 35). Mais adiante, no quarto capítulo, há a intenção de nos mostrar essa estabilidade no âmbito da veracidade dos fatos através do jornalismo, que apesar de ser o campo que reivindica a verdade, nem sempre colaborou e colabora com a sua difusão.

Ter uma postura cautelosa nesse sentido é necessário para que não retiremos o prestígio do espaço de discussão comum e público que as redes sociais assumiram. Santaella (2018) chama a atenção para uma crise de valores evidente provocada por fatores como: (a) sobredeterminação que a emoção exerce na racionalidade humana, (b) ausência do debate público e (c) formas de consenso que as redes sociais pulverizam, o que torna evidente o desfalque nas democracias representativas (p. 39). O debate perde o caráter de diálogo, deixando de significar um espaço de troca e desenvolvimento de opiniões, relacionando ainda os termos de verdade e inverdade com a intenção de compreender caminhos para uma legislação da informação falsa.

A relação comunicativa pressupõe a interatividade entre o leitor/ouvinte e a informação, que é assimilada e interpretada através de conhecimentos prévios e neste sentido a semiótica surge, não com o intuito de observar a interpretação do receptor da mensagem, e sim de analisar a intencionalidade daquele que a enviou, com propósito de compreender a relação objetiva da linguagem, porque embora sujeita à vagueza, algo é expresso direta ou indiretamente. Toda a comunicação deseja expressar um sentido, mas para compreender a verdade no campo da comunicação é preciso destrinchar esse processo de significação de acontecimentos.

Assim, Santaella (2018) aponta para a existência de uma pós-verdade, no campo da verdade fatural, pois quando o discurso ignora, desrespeita, distorce, manipula os fatos, a pós-verdade é legitimada. No campo da verdade fatural, a relação é dual, entre o fato e os discursos que a ela se indica, e por outro lado a verdade racional não pode ser analisada da mesma forma por ser mediada através de relações complexas entre o objeto de estudo e a verdade que a ela se propõe.

Portanto, questiona-se que se há o campo de estudo em que a pós-verdade é verdadeira, há aquele em que ela é questionável, é falsa. No sexto e último capítulo, Santaella (2018) faz breves apontamentos para os campos da ciência que são marcados por uma suposta verdade

racional, pois não há um discurso híbrido que os envolvem, não sendo responsáveis por uma busca pela verdade dos fatos. Atualmente, consideramos que a ciência e tantos outros campos de conhecimento trabalham com verdades discutíveis, com argumentos, subjetividades e experiências que possam comprovar as ideias e teorias. Dessa forma, também na ciência - que por tanto tempo esteve envolta por um viés de neutralidade - toda a verdade é provisória, discursivamente produzida e passível de ser refutada.

Finalizando o capítulo e sua obra, esta autora afirma que ao campo da filosofia sempre coube o papel principal de pensar sobre a verdade, sua natureza, seus sentidos. Parte-se de um ato reflexivo, de uma verdade elaborada racionalmente, e não a partir de fatos, compreendendo que investigar não é atingir verdades, mas buscar soluções prováveis para questionamentos. Em síntese, independente do campo do conhecimento com o qual nos ocupamos, vamos sempre estar lidando com versões, seleções, recortes e disputas sobre verdades ou o que assim consideramos e com isto, a pós-verdade se coloca como achado heurístico mais do que necessário para pensarmos estas questões urgentes que nos circundam.

Recebido em 2020-07-29
Publicado em 2021-01-01



* **ANA CLARA SÃO THIAGO** é mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ; professora dos anos iniciais na Rede pública do município do Rio de Janeiro, no Complexo da Maré.

ⁱ Até publicação da obra analisada, as eleições no Brasil não haviam acontecido.